



IGUALDADE CLIMÁTICA:

UM PLANETA PARA OS 99%



OXFAM

O MUNDO ENFRENTA CRISES ENTRELAÇADAS DE COLAPSO CLIMÁTICO E DESIGUALDADE GALOPANTE.

As pessoas, empresas e países com maior riqueza estão destruindo o mundo com suas enormes emissões de carbono. Ao mesmo tempo, as pessoas que vivem na pobreza, que sofrem marginalização e os países do Sul Global são os mais afetados. Mulheres e meninas, Povos Indígenas, Comunidades Tradicionais, pessoas que vivem na pobreza e outros grupos vítimas de discriminação e vulnerabilidade estão particularmente em desvantagem. As consequências do colapso climático são sentidas em todas as partes do mundo e pela maioria das pessoas, mas apenas as pessoas e os países mais ricos têm a riqueza, o poder e a influência para se protegerem. Esse poder vem com uma enorme responsabilidade.

Se não forem tomadas medidas, os mais ricos continuarão a queimar o carbono que resta para a utilização de toda a sociedade, mantendo a temperatura global abaixo do limite seguro de 1,5°C, destruindo qualquer possibilidade de acabar com a pobreza e reduzir a desigualdade. O mundo precisa de uma transformação igualitária. Só uma redução radical da desigualdade, uma ação climática transformadora e uma mudança fundamental nos objetivos econômicos como sociedade podem salvar o planeta e, ao mesmo tempo, garantir uma sociedade mais justa e solidária.

IGUALDADE CLIMÁTICA: UM PLANETA PARA OS 99%



PREFÁCIO

Greta Thunberg é uma ativista do clima conhecida por desafiar os líderes mundiais a tomarem medidas imediatas em relação às mudanças climáticas.

Estamos em uma emergência. Este deverá ser o ano mais quente já registrado. Ecossistemas inteiros estão em colapso. As pessoas estão morrendo. Ainda assim, os mais ricos do mundo continuam a enriquecer, explorando as pessoas e o planeta para seu próprio ganho.

Este relatório da Oxfam deixa isto evidentemente claro: estas não são questões separadas. O colapso climático e a desigualdade estão interligados e alimentam-se mutuamente. Se quisermos superar um, devemos superar ambos.

O que estamos vendo agora é apenas o início de uma mudança climática causada pelas emissões humanas de gases do efeito estufa. Nós não somos

igualmente culpados por estas emissões, nem pelos danos que elas causam.

O 1% mais rico da população mundial é responsável por tanta poluição por carbono como os dois terços mais pobres da humanidade. Eles roubaram os recursos do nosso planeta para alimentar os seus estilos de vida luxuosos. Uma curta viagem em um jato particular produzirá mais carbono do que a média do que emite uma pessoa durante todo o ano. Eles estão nos sacrificando no altar de sua ganância.

Este relatório revela uma realidade perversa: aqueles que menos fizeram para causar a crise climática são os que mais sofrem. E aqueles que fizeram mais, provavelmente sofrerão menos.

Os mais ricos podem isolar-se dos danos que causam. Eles podem escapar para suas múltiplas casas com ar-condicionado. Eles podem se proteger contra danos à sua propriedade. Enquanto aqueles que estão na linha da frente, que sofrem por causa dos excessos dos mais ricos, não têm onde se esconder da seca, das inundações e do calor implacável. Aqueles com riqueza e poder convenceram-se de que algumas vidas valem mais do que outras. E essas outras vidas não importam.

As pessoas mais responsáveis pela crise climática – principalmente os homens brancos e privilegiados – são também aqueles a quem foi atribuído um papel de liderança para nos tirar dela. Encontrei-me num lugar de primeira fila nos corredores do poder mundial – na ONU, no Fórum Económico Mundial e nas negociações climáticas globais. Aqui, eu vi em primeira mão que nos tirar dela. Encontrei-me num lugar de primeira fila nos corredores do poder mundial – na ONU, no Fórum Económico Mundial e nas negociações climáticas globais. Aqui, eu vi em primeira mão que as pessoas que destroem o nosso planeta, as



Greta Thunberg. ©Andreas Hellberg.
Publicado sob CC BY-SA 4,0 Deed |
Atribuição-ShareAlike 4,0 International |
Creative Commons

pessoas que estão no centro da crise climática, as pessoas que investem pesadamente em combustíveis fósseis, as pessoas com maior riqueza - de alguma forma, estas pessoas são aquelas em quem confiamos para resolver os nossos problemas.

Como deixamos os culpados no comando quando há tanta coisa em jogo? Por que é que eles estão no comando quando repetidamente nos mostraram que dão prioridade à sua ganância e aos lucros econômicos de curto prazo acima das pessoas e do planeta? É de admirar que o progresso seja tão lento?

Essa injustiça deve acabar. Com as políticas atualmente em vigor, caminhamos para 3,2° de aquecimento global até o final do século. Isso resultará em um desastre.

Se quisermos ter a chance de minimizar mais danos irreparáveis ao planeta, temos de escolher agora. Ou asseguramos as condições de vida para todas as gerações futuras ou deixamos que algumas pessoas muito ricas mantenham os seus estilos de vida destrutivos e mantenham um sistema econômico orientado para o crescimento econômico a curto prazo e o lucro dos acionistas.

Devemos nos educar sobre as causas desta crise. Devemos fazer mudanças fundamentais na forma como as nossas sociedades funcionam. Devemos parar de perseguir o crescimento infinito num planeta finito. Temos de garantir que aqueles que têm maiores responsabilidades paguem o preço mais elevado. E devemos avançar para uma transformação igualitária das nossas sociedades, que priorize o planeta e toda a humanidade.

Njoki Njehu é feminista e ativista, e Coordenadora Regional Pan-Africana da Aliança de Combate à Desigualdade, Nairobi, Quênia



Njoki Njehu, Coordenadora Regional Pan-Africana, Aliança de combate à Desigualdade (*Fight Inequality Alliance*)

Aprendi a lutar por justiça no colo de minha mãe. Ela, Lilian Njehu, foi cofundadora do “Movimento Cinturão Verde do Quênia” ao lado da Prof. Wangari Maathai e outras. Minha mãe me ensinou adequadamente sobre a luta pelos direitos e pela dignidade das mulheres. Então, tenho lutado contra a desigualdade durante toda a minha vida.

Com a Aliança de Combate à Desigualdade, marchei com jovens e mulheres dos assentamentos informais de Dandora, Mukuru, Mathare, Kibera e das áreas periurbanas a oeste de Nairobi. Com as mulheres rurais africanas, como parte da “Iniciativa Kilimanjaro para os Direitos das Mulheres à Terra” e do “Centro de Recursos Globais Filhas de Mumbi”, marchei e continuo a lutar pela dignidade das mulheres e pelos direitos à terra, pela soberania alimentar e por um mundo justo. Tive o privilégio de trabalhar e marchar com tantos camaradas maravilhosos que lutam contra a desigualdade em todo o mundo, do Quênia ao México, das Filipinas ao Haiti e aos Estados Unidos.

Como líder da “Rede 50 Anos é Suficiente”, marchamos pelas ruas de Seattle, de Washington, DC, de Gênova. Marchamos contra o FMI, o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio, e o seu colonialismo econômico que gera tanta desigualdade e injustiça. Marchamos por justiça econômica, pelo cancelamento da dívida e por um sistema global justo.

Com o meu falecido marido, Soren Ambrose, e centenas de milhares de ativistas pela justiça global, marchamos e participamos no Fórum Social Mundial em Porto Alegre, no Brasil e em todo o mundo, com uma mensagem clara, tão poderosa hoje como era então – **outro mundo é possível!**

Acredito, agora mais do que nunca, que os ricos e poderosos do nosso mundo temem o fim do capitalismo – seus privilégios e poder – mais do que temem o fim do nosso belo e precioso planeta. Há décadas que sabem que a luta contra a desigualdade e a luta para deter o colapso climático são a mesma luta. Que deter o colapso climático significa o fim do sistema econômico que os serviu tão bem e durante tanto tempo. É por isso que eles resistem de todas as maneiras que podem. Porque continuam a poluir o nosso ar, a envenenar os nossos mares e a nos empurrar para o limite da destruição planetária.

Acredito também, agora mais do que nunca, que podemos e devemos detê-los. Para fazer isso, devemos construir movimentos populares maiores do que jamais conhecemos. Guerreiros climáticos e lutadores contra a desigualdade; agricultores rurais e feministas; os sindicalistas e os jovens ativistas devem unir forças em todo o planeta para gritar: **Basta! Não mais!** Devemos construir uma força imparável, que nos una para lutar e conquistar um mundo radicalmente mais igualitário, onde todos possam viver com dignidade e o nosso planeta seja restaurado e renovado para todas as gerações futuras.

Não há tarefa maior, nem responsabilidade maior em mãos para os nossos tempos.

A Luta Continua!

SUMÁRIO EXECUTIVO

COLAPSO CLIMÁTICO E DESIGUALDADE EXTREMA: OS DESAFIOS ENTRELAÇADOS DA NOSSA ERA

As crises do colapso climático e da desigualdade extrema dominam a nossa época. As manchetes estão repletas de arrogância de bilionários e ondas de calor escaldantes. O nosso planeta corre o risco de ser destruído por um mar de inundações e incêndios. Pessoas em todo o mundo – em nações ricas e pobres – enfrentam preços cada vez mais elevados de alimentação e moradia, enquanto os mais ricos veem as suas fortunas crescerem continuamente. As mulheres, as pessoas negras, os povos indígenas, as comunidades tradicionais e outros grupos discriminados estão no ponto nevrálgico do colapso climático. As pessoas jovens e as gerações futuras enfrentarão as piores consequências de qualquer fracasso na luta contra as mudanças climáticas, enquanto bilionários (normalmente homens e brancos) são os grandes vencedores.



Figura SE1 – O ciclo vicioso do colapso climático e da desigualdade.

Estas não são crises separadas. Não são desafios separados que a humanidade enfrenta. Apresentando novas pesquisas, este relatório mostra que estas crises de clima e desigualdade estão entrelaçadas, fundidas e impulsionando-se mutuamente.


Baseando-se em novos dados globais e em especialistas e defensores de todo o mundo, este relatório propõe uma abordagem radical caso desejemos ter alguma possibilidade de superar a catástrofe que se desenrola diante de nós: **um planeta para os 99%, no qual combatemos em conjunto a desigualdade extrema e o colapso climático.**

Isto significa combater não apenas as responsabilidades históricas e atuais das nações com elevadas emissões e das grandes empresas pelo seu papel na impulsão das emissões de carbono, mas também - e de forma crítica - o papel desproporcional que os indivíduos mais ricos desempenham na crise climática através das suas emissões, investimentos e influência e captura política. Isso significa o reconhecimento de que reduzir radicalmente as desigualdades é uma pré-condição para acabar com o colapso climático e a pobreza.

QUADRO SE1 - DESIGUALDADE CLIMÁTICA EM NÚMEROS

A análise da Oxfam revelou o seguinte:¹

- ✗ Em 2019, o 1% mais rico do mundo foi responsável por 16% das emissões globais de carbono. Esse número é equivalente às emissões dos 66% mais pobres da humanidade (5 bilhões de pessoas).
- ✗ Desde a década de 1990, o 1% mais rico consumiu o dobro do orçamento de carbono que toda a metade mais pobre da humanidade combinada.
- ✗ Em 2030, as emissões do 1% mais rico poderá ser 22 vezes superior ao limite seguro (que significa as emissões permitidas para manter o aquecimento global abaixo de 1,5°C).
- ✗ As emissões globais anuais do 1% mais rico anulam a poupança de carbono alcançada com quase um milhão de turbinas eólicas terrestres.
- ✗ Em 2019, as emissões do 1% mais rico são suficientes para causar 1,3 milhão de mortes excessivas devido ao calor entre 2020 e 2100.²
- ✗ Um imposto de 60% sobre os rendimentos globais do 1% mais rico reduziria o equivalente em carbono emitido pelo Reino Unido e arrecadaria US\$ 6,4 trilhões para financiar energias renováveis e uma transição de saída dos combustíveis fósseis.



Em 2019, o 1% mais rico foi responsável por 16% das emissões globais de carbono, o equivalente às emissões dos 66% mais pobres (5 bilhões de pessoas).

▶▶ Estamos em um mundo cada vez mais desigual. Precisamos tratar isso com tanta prioridade quanto a questão climática, porque senão, podemos acabar com um planeta onde consertamos o clima, mas as pessoas continuam morrendo de fome em vários países do mundo” – Presidente Luís Inácio Lula da Silva. ◀◀³

▶▶ Os bilionários donos do nosso mundo, que herdaram recursos que nos foram roubados, são agora também os responsáveis pela situação em que nos encontramos. Uma situação que os países do Sul Global nunca quiseram. Apropriaram-se de recursos, construíram impérios de ganância, antes era o ouro, a prata, a borracha e a madeira; agora, é o petróleo e o gás” – Pavel Martiarena Huamán, ativista climático e fotógrafo, Peru. ◀◀⁴

Fundamentalmente, isso significa objetivos ambiciosos que, por meio de uma ação governamental dinâmica e ousada, coloquem os 99% no comando das economias para garantir três pontos.

1. **Um aumento radical da igualdade.** Os governos devem implementar políticas comprovadas para reduzir drasticamente o fosso entre os mais ricos e os demais. Apenas reduzindo radicalmente a desigualdade poderemos proporcionar uma vida boa a toda a humanidade, protegendo e preservando o nosso planeta ao mesmo tempo. A redução dos rendimentos e da fortuna dos mais ricos reduzirá as emissões. Sociedades mais igualitárias são mais capazes de gerir de forma eficaz e justa os enormes riscos e impactos das condições meteorológicas extremas. Sociedades economicamente mais igualitárias são vitais para enfrentar desigualdades como gênero, raça e casta. Estas podem garantir o consenso político necessário para uma transição rápida e permanente dos combustíveis fósseis e do consumo excessivo de poucos para uma vida melhor para todos.
2. **Uma transição rápida e justa para além dos combustíveis fósseis.** Precisamos ter uma transição rápida e justa para além dos combustíveis fósseis, eliminando a sua utilização nas nações de forma mais profunda e mais rápida. Devemos implementar uma nova onda de impostos sobre empresas e bilionários que lucraram ao pilhar o nosso mundo. Trilhões de dólares provenientes destes novos impostos podem ser investidos em serviços públicos, tecnologias e produtos concebidos para e pelos 99%, centrados especialmente em mulheres e meninas, pessoas de diferentes etnias, pessoas negras e outros grupos que são os mais impactados. Estas ações construirão rapidamente um mundo mais justo e mais verde, incluindo o fornecimento de energia renovável universal e acessível, habitação segura e eficiente em termos energéticos, transporte ferroviário de alta velocidade e outros transportes públicos, a proteção para todos contra condições meteorológicas extremas e o apoio a perdas e danos já incorridos.

3. **Um novo propósito para uma nova era.** O atual sistema econômico, orientado para uma acumulação de riqueza cada vez maior para os já ricos, está nos levando ao precipício. Trata-se de um sistema econômico racista e sexista, construído sobre a exploração das pessoas e dos recursos naturais. O foco no crescimento econômico de qualquer tipo, na extração interminável e no consumo excessivo a qualquer custo precisa acabar. As pessoas devem voltar a ser os responsáveis pelo seu destino e os governos democraticamente eleitos, não as empresas, devem moldar a nossa economia. As nossas economias devem ser redesenhadas e reimaginadas propositadamente, com um foco principal nos objetivos que entrelacem uma prosperidade humana e planetária.

OS SUPER-RICOS ESTÃO QUEIMANDO O MUNDO

A menos que reduzamos rapidamente as emissões de carbono, esgotaremos a quantidade de carbono que podemos emitir sem provocar um colapso climático em apenas cinco anos. O último relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, sigla em inglês) mostrou claramente que os países ricos e com elevadas emissões e as grandes empresas poluidoras têm uma responsabilidade descomunal pela crescente crise climática.⁵

O papel e a responsabilidade dos países do Norte Global na crise climática estão bem documentados. Os países classificados pela Convenção Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC, sigla em inglês) no Anexo 1, ou seja, a maioria dos países industrializados, devido ao seu histórico e passado frequentemente colonial, foram considerados os responsáveis por 90% do excesso de emissões - os países do Norte Global, especificamente, por 92%.⁶

O papel das empresas, especificamente o das empresas de combustíveis fósseis, na condução da crise climática também está bem documentado. Um estudo de alto nível descobriu que 70% das emissões industriais de carbono desde 1998 provêm de apenas 100 produtores de petróleo, carvão e gás.⁷

O papel das pessoas super e muito ricas (1% e 10% mais ricos em termos de renda) na degradação climática é bem menos conhecido e documentado. Compreender o seu papel é essencial se quisermos estabilizar com sucesso o nosso planeta e garantir uma vida digna para toda a humanidade.

Em particular, o 1% mais rico é fundamental para a história climática de três maneiras:

1. através do carbono que emitem diariamente com o seu consumo, incluindo o dos seus iates, jatos particulares e estilos de vida luxuosos;
2. através dos seus investimentos e participações em indústrias altamente poluentes e do seu interesse financeiro no *status quo* econômico; e
3. através da influência indevida que exercem sobre os meios de comunicação, a economia, a política e a elaboração de políticas.

▶▶ Em 2019, o 1% mais rico foi responsável pela mesma emissão de carbono que os 66% mais pobres no mundo, ou seja, 5 bilhões de pessoas. ◀◀⁸



Jogadores de golfe terminam sua partida enquanto um incêndio ocorre em Eagle Creek, perto de Portland, EUA. ©Kristi McCluer

Incendiando o caminho para a catástrofe: as vastas emissões de carbono das pessoas mais ricas do mundo

A Oxfam trabalhou em estreita colaboração com o Instituto Ambiental de Estocolmo (Stockholm Environment Institute - SEI) para analisar cuidadosamente e documentar a obscena desigualdade nas emissões pessoais de carbono dos indivíduos até 2019, ano mais recente disponível (veja Figuras 2 e 3). As descobertas são chocantes.

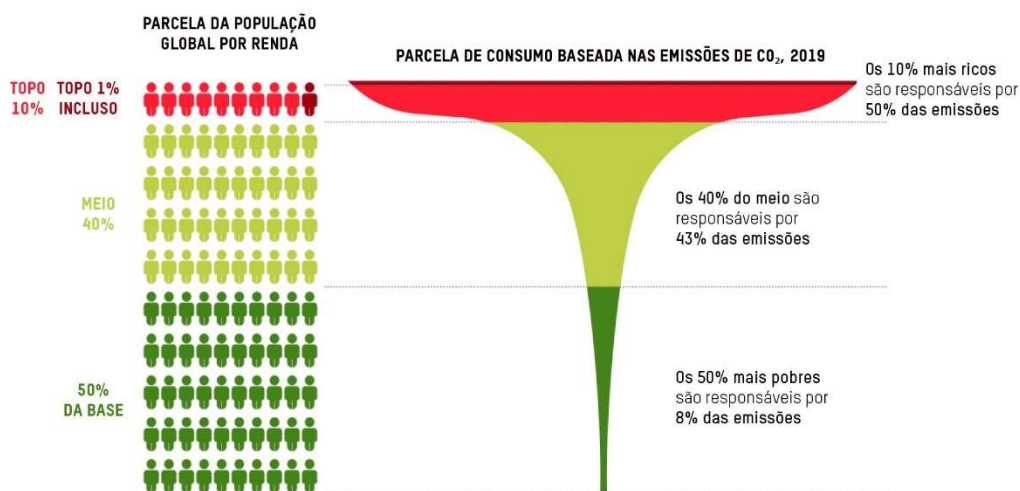


Figura SE2 – Grupos de renda global e emissões de consume associadas em 2019. Fonte: Oxfam/SEI.

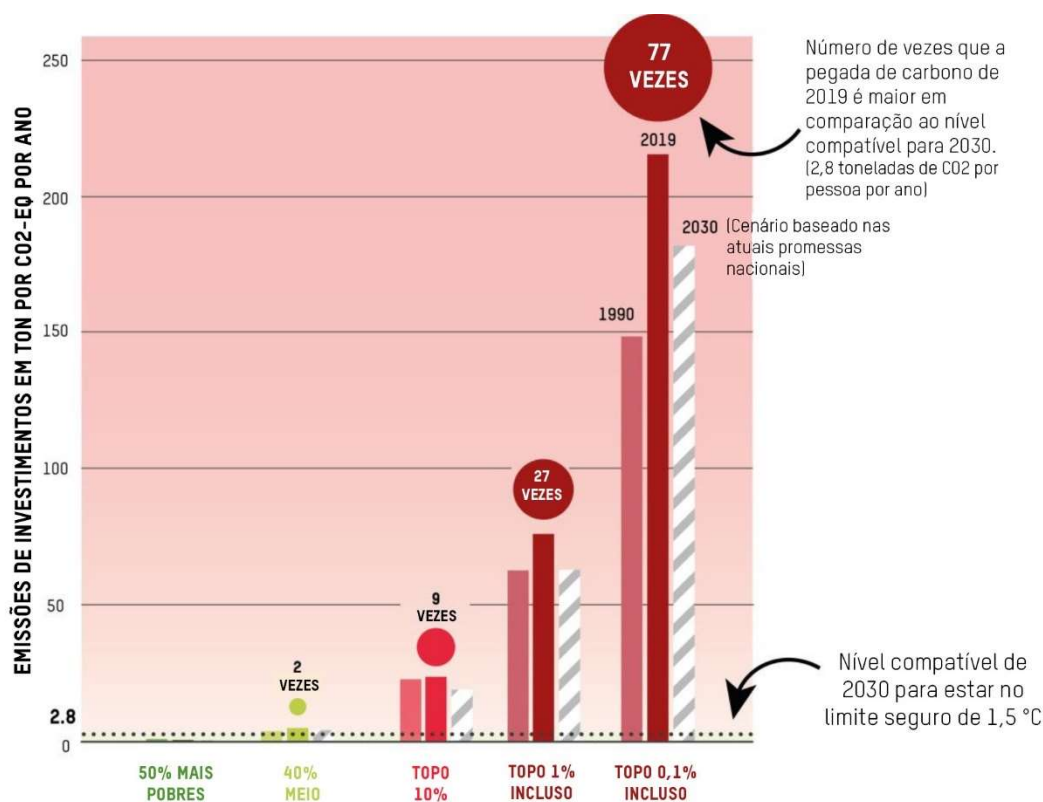


Figure SE3 - Emissões anuais de consumo per capita e por renda, para 1990, 2019 e 2030. Fonte: Oxfam/SEI.

Um estudo que examinou as emissões do estilo de vida de 20 bilionários (dos quais 18 homens e todos brancos) concluiu que cada um produziu em média mais de 8 mil toneladas de CO₂ em um ano.^{9,10} Os proprietários de jatos particulares são, em sua maioria, homens brancos, acima dos 50 anos que trabalham no setor bancário, financeiro e imobiliário.¹¹



Lâmina de turbina eólica quebrada em um campo de turbinas eólicas. © Frank Fennema

Para além do 1% mais rico, os 10% mais ricos também são fundamentais para a história do clima, emitindo em conjunto metade de todas as emissões globais.¹² Entre as emissões dos 10% no topo global, 60% são oriundas de países de alta renda.¹³ As suas emissões são impulsionadas por uma publicidade implacável e por um sistema económico orientado para um consumo excessivo contínuo. Estes 10% não têm o mesmo controlo sobre as economias e a política que os super-ricos, mas a sua voz política e o seu poder económico são importantes para garantir as mudanças na política e na economia que precisamos ver.

▶▶ O Greenpeace descobriu que os jatos privados europeus emitiram um total de 5,3 milhões de toneladas de CO₂ entre 2020 e 2023, com o número de voos sendo multiplicado por cinco durante esse período e atingindo 573 mil em 2022. ◀◀¹⁴

As emissões dos mais ricos estão conduzindo o planeta rumo à catástrofe. Limitar o aquecimento global a longo prazo a 1,5°C requer uma redução de 48% nas emissões globais totais até 2030 (em comparação com os níveis de 2019).¹⁵

Novas projeções baseadas no trabalho do SEI e da Oxfam revelam que, em 2030, as emissões de consumo per capita do 1% mais rico deverão ser 22 vezes superiores ao nível compatível com a meta de manter aquecimento global abaixo de 1,5°C, o que equivaleria a 2,8 toneladas de CO₂ per capita, por ano. Por outro lado, as emissões da metade mais pobre da população mundial deverão permanecer um quinto do nível compatível de 1,5°C (veja figura SE3).¹⁶

INVESTIMENTOS EM POLUIÇÃO

Apesar de ser massivo, o consumo pessoal dos super-ricos é ofuscado pelas emissões resultantes dos seus investimentos em empresas.¹⁷ Estima-se que os investimentos do 1% mais rico representem entre 50% e 70% das suas emissões.¹⁸

▶▶ Em 2022, a Oxfam realizou uma análise de 125 bilionários e descobriu que, em média, eles emitiram 3 milhões de toneladas de CO₂ por ano através dos seus investimentos – acima de um milhão de vezes a mais do que a média de alguém que se encontra nos 90% mais pobres da humanidade. ◀◀¹⁹

Apenas um bilionário do estudo investiu em uma empresa de energia renovável. A percentagem de investimentos de bilionários realizados em indústrias poluentes foi o dobro da do investidor médio. Estes investimentos permitem que indivíduos super-ricos administrem e controlem muitas das maiores e mais poderosas empresas do mundo, dando-lhes uma enorme influência sobre suas emissões de carbono e sobre o impacto ambiental, moldando assim também a economia.²⁰

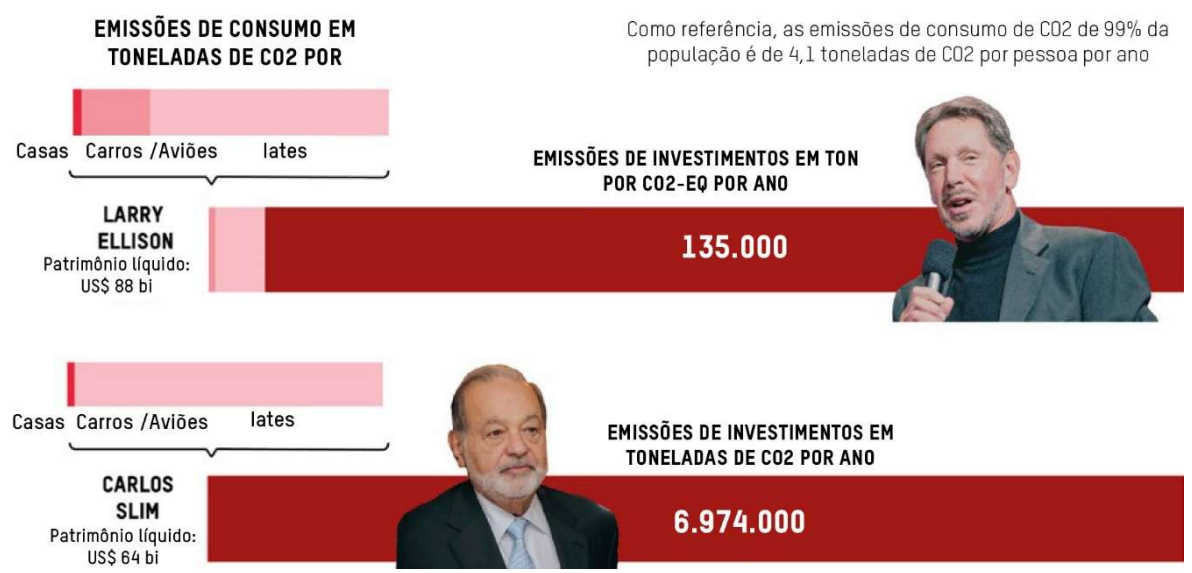


Figura SE4 – Emissões de consumo e investimentos – exemplos de dois bilionários. Fonte: Oxfam, Barros e Wild (2021).

Pessoas super-ricas têm uma influência descomunal na política. Por exemplo, a análise da Oxfam mostra que todos os senadores dos EUA, que ratificam tratados climáticos globais em nome dos EUA, têm um salário que os coloca entre 1% dos principais emissores de carbono a nível mundial.²¹ Os representantes da União Europeia também estão nesta categoria, assim como os deputados australianos. Para além dos seus elevados rendimentos, muitos legisladores ricos também têm investimentos significativos na indústria dos combustíveis fósseis. Estima-se que os membros do Congresso dos EUA possuam 93 milhões de dólares em ações nas indústrias de combustíveis fósseis.²²



Figura SE.5 – Renda de legisladores e emissões de carbono baseadas em consumo. Fonte: Oxfam and SEI

Os super-ricos são os principais acionistas de empresas que, por sua vez, procuram frequentemente moldar as políticas públicas. As empresas de combustíveis fósseis dominam cada vez mais as negociações climáticas da ONU: na COP26, mais de 500 delegados da indústria de combustíveis fósseis tiveram acesso às negociações.²³

Um terço das principais empresas de mídia de conteúdo têm grandes proprietários individuais que são bilionários.²⁴ Um exemplo notório é Rupert Murdoch, cuja família controla a Fox News, entre muitos outros meios de comunicação.²⁵ No primeiro semestre de 2019, 86% dos segmentos sobre mudanças climáticas na Fox News rejeitaram a catástrofe climática, lançaram dúvidas sobre o aquecimento global ou utilizaram o medo ao discutir soluções climáticas.²⁶

Por meio de seus investimentos e do poder que detêm sobre a economia, a política, e os meios de comunicação, os mais ricos não só prendem a humanidade ao uso contínuo de combustíveis fósseis, mas também promovem e apoiam um consumo excessivo e uma economia baseada no carbono, tornando a redução das emissões por outros tipos de energia muito mais difícil.

ISOLADOS DA DOR CLIMÁTICA

Os eventos climáticos extremos estão aumentando em frequência e fúria. Inundações, secas, tempestades, todos estão se tornando mais poderosos e mais comuns. Ao mesmo tempo, os impactos a longo prazo das mudanças climáticas, tais como colheitas cronicamente menores ou a escassez de água, já se tornaram uma realidade.

Apesar disso, os países mais ricos e as pessoas mais ricas são os mais isolados da catástrofe climática que causaram. Tal como existe uma desigualdade extrema na definição de quem é responsável pelas emissões de carbono, existe também uma enorme desigualdade na forma como os impactos das rápidas mudanças climáticas são sentidos. Ou seja, são as pessoas em situação de pobreza e vulnerabilidade que estão sendo mais prejudicadas.

As pessoas e os países mais ricos estão impulsionando a crise climática, enquanto as pessoas que vivem na pobreza, os grupos marginalizados, o Sul Global, os pequenos Estados insulares e outros países particularmente vulneráveis são os mais duramente atingidos pelo impacto das mudanças, um processo brutal descrito como “apartheid climático”.^{27,28} Este fosso entre os ricos e o resto da humanidade combina-se com outras divisões, como gênero, etnia e casta. Em comparação com os homens, as mulheres – especialmente aquelas com menores condições socioeconômicas – tendem a ter menos acesso à ajuda e assistência, taxas de sobrevivência mais baixas e menor expectativa de vida após uma catástrofe relacionada ao clima.²⁹ Os Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais, do Norte e do Sul, também são afetados desproporcionalmente pelas alterações climáticas.³⁰


Os países menos responsáveis pelo aquecimento global – majoritariamente no Sul Global – estão sofrendo as piores consequências da atual crise climática e são também os que, em muitos casos, têm menos condições de responder ou de se recuperar.

▶▶ Os dados mostram que as desigualdades econômicas entre países já são 25% maiores do que seriam num mundo sem o aquecimento global. ◀◀³¹

As pessoas ricas em cada país vivem geralmente em habitações mais seguras e em terras muito menos propensas a inundações ou outras catástrofes.³² Estas vivem no.

luxo, com ar-condicionado, enquanto lá fora as temperaturas atingem níveis mortais. Quando são atingidas por catástrofes climáticas, as pessoas ricas têm os fundos e os seguros para reconstruir as suas vidas.³³ As pessoas ricas também têm mais acesso à educação, então tendem a estar mais bem informadas sobre os riscos potenciais e a ter uma maior voz política.³⁴

Enquanto isso, muitos dos super-ricos do mundo estão preparando a sua fuga no caso de um colapso climático. O CEO da Tesla, SpaceX e X (antigo Twitter), Elon Musk, até apresentou a ideia de evacuar a Terra para Marte.^{35,36}



**Emissões do 1%
mais rico em 2019
são suficientes para
causar 1,3 milhões
de mortes a mais
entre 2020
e 2100.**

DIYAARA, UMA PASTORA DO QUÊNIA

Quando questionada sobre a sua comida favorita, Diyaara, uma pastora do Quênia, respondeu: “Minha comida favorita? É o que conseguir. Atualmente, nada me faz sorrir. Os reservatórios de água e represas secaram e estão desgastados pela falta de chuvas nos últimos três anos. Eu criava cabras e administrava uma pequena loja, o que sustentava minha vida. Depois da seca, perdi todas as minhas cabras e vivi com minhas economias até o último centavo. A comida é a maior necessidade agora. Atualmente, só temos os cereais provenientes das instituições de caridade, que usamos para fazer as refeições dos meus filhos”.

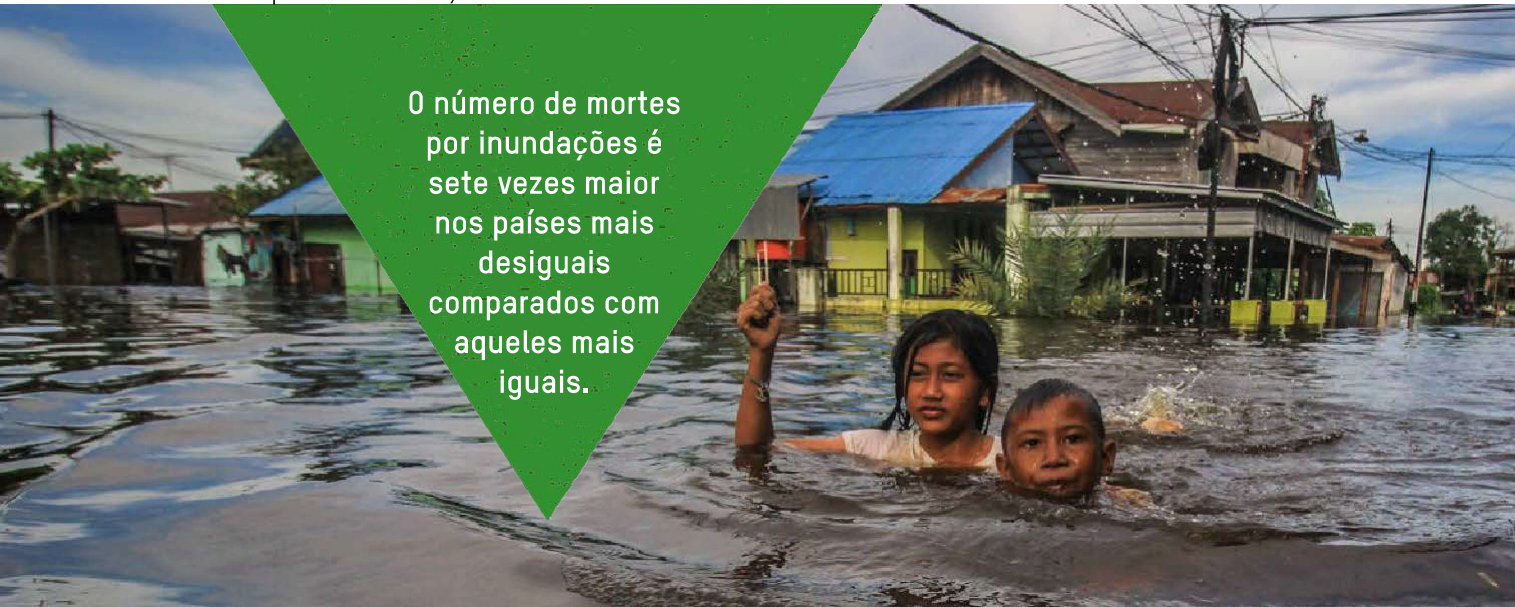
Em contraposição, as pessoas com rendimentos mais baixos vivem frequentemente em zonas mais propensas a inundações, chuvas fortes, stress térmico e tempestades.^{37,38} Muitas vezes, vivem em habitações temporárias ou de má qualidade, que podem carecer de segurança básica em sua construção.³⁹ As suas terras e outros bens não são registrados ou reconhecidos e podem ser tomadas quando ocorre uma catástrofe. Essas pessoas tendem a estar menos informadas sobre as mudanças climáticas e os próximos eventos relacionados com o clima.⁴⁰ E o que é crucial, muitas pessoas com baixos rendimentos não têm poupança, acesso à assistência ou à proteção social para enfrentar uma emergência.⁴¹

HISTÓRIA

NÃO EXISTE DESASTRE NATURAL

Os desastres não são naturais. O que decide se as condições meteorológicas extremas se tornam um desastre é a forma como a sociedade e a humanidade se preparam e respondem. Isto, por sua vez, é significativamente conduzido por como é a igualdade de uma sociedade.

As evidências mostram que sociedades mais igualitárias são mais capazes de gerir coletivamente o risco, tanto distribuindo-o de forma mais justa como reduzindo o seu nível global.⁴² Sociedades mais igualitárias são mais capazes de lidar com os choques de condições climáticas extremas.



O número de mortes por inundações é sete vezes maior nos países mais desiguais comparados com aqueles mais iguais.

▶▶ Em países mais desiguais, o impacto é muito maior. Um estudo realizado sobre 573 grandes catástrofes causadas por enchentes em 67 países de renda média e alta, concluiu que o número de mortes causadas pelas enchentes é sete vezes maior nos países mais desiguais em comparação com os mais igualitários. ◀◀⁴³

Todos, ricos ou pobres, têm interesse em que a sociedade em que vivem seja capaz de prevenir e adaptar-se coletivamente aos impactos climáticos. Uma pessoa rica pode ter recursos para construir a sua casa numa colina para evitar inundações, mas ainda será profundamente afetada se a cidade onde trabalha e passa o tempo for inundada porque não existem proteções coletivas. A sua proteção pessoal é de pouca utilidade se a sua vizinhança local for destruída.



A casa de uma pessoa rica na Flórida sobrevive ao furacão, mas a vizinhança é destruída.⁴⁴
© Johnny Milano/New York Times/Redux/eyevine

QUADRO SE2 – DESIGUALDADE, FOME E CALOR

À medida que as temperaturas ultrapassam o nível que os seres humanos podem suportar, as mortes causadas pelo calor deverão aumentar dramaticamente, especialmente nos países de baixa renda.⁴⁵ Nos países, as mortes causadas pelo calor são moldadas pela desigualdade. Um dia de 45°C parece muito diferente numa casa com ar-condicionado nos subúrbios de Mumbai do que num barraco de lata que funciona como um forno numa favela.⁴⁶ Nos EUA, as pessoas negras tendem a residir em bairros mais quentes do que os brancos e são menos propensos a ter equipamentos de ar-condicionado.⁴⁷

O sistema alimentar global é altamente desigual e os fenômenos meteorológicos extremos já estão prejudicando significativamente a produção agrícola. É provável que esta situação se agrave ainda mais. Hoje, 783 milhões de pessoas não têm certeza sobre de onde virá sua próxima refeição.⁴⁸ Entretanto, entre 2020 e 2021, os bilionários do setor de alimentação e agricultura conseguiram aumentar a sua riqueza coletiva em 45%.⁴⁹

Tanto no Sul como no Norte, o aumento dos preços dos alimentos prenuncia um futuro de fome e desnutrição para as pessoas que vivem ou estão em risco de pobreza, enquanto os mais ricos podem simplesmente pagar mais por seus alimentos.⁵⁰ No Sul Global, os mais pobres gastam seis vezes mais de sua renda que os mais ricos. Nos EUA, os mais pobres gastam quatro vezes mais.⁵¹



A área que rodeia o complexo Bandra Kurla em Mumbai é uma mistura de extrema riqueza e extrema pobreza.⁵² © Johnny Milano/Unequal Scenes

UMA GRANDE RIQUEZA É ACOMPANHADA POR UMA GRANDE RESPONSABILIDADE PARA AGIR

A questão de quem deve agir é, portanto, fácil de responder. Os indivíduos muito ricos, os países ricos com elevadas emissões e as grandes empresas poluentes devem pagar o maior preço para evitar um colapso climático total, financiando os custos do combate às mudanças climáticas e reduzindo primeiro, rapidamente e de forma as suas emissões. São também eles que devem ser obrigados a renunciar à sua influência excessiva sobre a política e a economia mundial impulsionada pelos combustíveis fósseis.

Cortar as emissões é mais fácil quanto mais rico você for. A maioria das emissões de carbono dos super-ricos provém de bens e serviços de luxo e dos seus investimentos, de forma que eles controlam suas escolhas e podem realizar os cortes profundos e imediatos necessários para permanecermos abaixo de 1,5°C. Ninguém precisa, por exemplo, de viagens aéreas frequentes, de jatos ou de iates particulares, de múltiplas mansões multimilionárias ou de frotas de carros topo de gama que consomem muita gasolina. Com uma ligação para o seu corretor da bolsa, um investidor bilionário pode facilmente transferir o seu dinheiro dos combustíveis fósseis para a energia renovável.

Compare isto com trabalhadores com baixo-salários nos EUA, que vivem numa área sem transportes públicos adequados e por isso são forçados a dirigir até o trabalho. Eles podem estar vivendo em casas alugadas, isoladas, sem outra opção a não ser queimar combustível para se manterem aquecidos. Globalmente, podem estar entre grandes emissores individuais, mas eles não têm controle sobre suas emissões e a capacidade de reduzi-las é muito menor do que a das pessoas mais ricas.

Hora de fazer os ricos poluidores pagarem

Os países ricos não têm apenas a maior capacidade de pagamento; eles também têm a responsabilidade de compensar as suas emissões históricas de carbono e as suas ações extrativas neocoloniais em curso. Eles colocaram em risco o futuro da vida na Terra, ao mesmo tempo que provocam impactos climáticos potencialmente fatais nos países do Sul Global, nas pessoas que vivem na pobreza e naqueles que sofrem com a marginalização. Trata-se de uma questão de justiça.

No entanto, os países ricos não conseguem demonstrar consistentemente uma ambição ou vontade política necessária para pagar as suas dívidas climáticas ou sequer cumprir seus compromissos existentes de financiamento climático. Continuam também a resistir aos apelos à reparação dos danos passados e atuais causados pelo colonialismo e pela expansão colonial – ambos frequentemente ligados aos impactos climáticos.

Em 2009, na COP15 em Copenhague, os países desenvolvidos⁵³ comprometeram-se a aumentar o financiamento para apoiar a ação climática nos países em desenvolvimento para 100 bilhões de dólares por ano até 2020. Até agora, não conseguiram cumprir de forma resoluta esta promessa, atingindo apenas 83,3 bilhões de dólares em 2020. Além disso, a análise da Oxfam conclui que, em 2020, o valor líquido do apoio financeiro especificamente destinado à ação climática somou apenas de 21 a 24,5 bilhões de dólares, algo significativamente menor do que sugerem os números divulgados oficialmente.⁵⁴

Existe uma quantidade incrível e recorde de riqueza no mundo de hoje – mais do que suficiente para financiar totalmente a luta para impedir um maior colapso climático. Cada vez mais, esta riqueza não está nas mãos de indivíduos ricos e de grandes empresas, e não nas mãos dos governos.⁵⁵ Utilizar o aumento dos impostos para trazer uma proporção significativa desta riqueza e lucro excessivos de volta às mãos do Estado seria transformador.

Trilhões de dólares destas novas receitas fiscais devem fluir para o Sul Global, para financiar uma transição energética rápida e justa, apoiar as comunidades para que se protejam das alterações climáticas e compensar as perdas e danos causados pelo colapso climático. Isso deve ser usado para cancelar dívidas paralisantes, contribuir para uma redução rápida da desigualdade, acabar com a pobreza e proporcionar uma prosperidade para todas as pessoas.

QUADRO SE3 – TAXAR OS RICOS PARA SALVAR O PLANETA AGORA

Existem três impostos que, juntos, poderiam arrecadar mais de US\$9 trilhões para construir um mundo mais sustentável e igualitário.

IMPOSTO SOBRE A RIQUEZA – US\$1,7 TRILHÃO AO ANO

A Oxfam calculou que um imposto sobre a riqueza de milionários e bilionários de todo o mundo poderia gerar mais de US\$1,7 trilhão por ano.⁵⁶ Um imposto punitivo sobre riqueza e investimentos em atividades poluentes poderia arrecadar pelo menos mais US\$100 bilhões por ano.⁵⁷

IMPOSTO DE RENDA DO TOPO – US\$6,4 TRILHÕES POR ANO

Um imposto de renda de 60% sobre o 1% dos maiores salários no mundo gerariam US\$6,4 trilhões por ano.⁵⁸

IMPOSTO SOBRE LUCROS CORPORATIVOS INESPERADOS – ACIMA DE US\$941 BILHÕES

722 das maiores corporações do mundo arrecadaram mais de US\$1 trilhão por ano em lucros inesperados, nos últimos dois anos. Destas, 45 empresas de energia obtiveram em média US\$237 bilhões por ano em lucros inesperados. A análise da Oxfam e da ActionAid mostra que um imposto de 50-90% sobre os lucros inesperados de 722 megacorporações poderia gerar mais de US\$941 bilhões.⁵⁹

UMA TRANSFORMAÇÃO IGUALITÁRIA É POSSÍVEL

A boa notícia é que a humanidade pode libertar-se da armadilha do clima e da desigualdade. Uma transformação igualitária, sustentada por políticas econômicas, sociais e ambientais que combatam tanto a desigualdade como a crise climática, está ao nosso alcance. No entanto, será necessária visão, vontade política e, acima de tudo, um compromisso de colocar as necessidades de muitos à frente da ganância de poucos.



Figura SE6 – O ciclo positivo entre mais equidade e parar o colapso climático.

As economias devem ser transformadas de forma profunda e rápida para evitar o colapso climático. A humanidade precisa parar rapidamente de utilizar todos os combustíveis fósseis e investir na mudança para energias renováveis limpas, bem como em uma maior eficiência energética e de recursos. O consumo excessivo não essencial por parte dos mais ricos da nossa sociedade deve acabar. Deve também haver investimentos e esforços para criar um sistema econômico que promova o bem-estar para todas as pessoas dentro dos limites planetários.

Criticamente, esta transformação deve ser justa. Deve ser imparcial. Deve ser igualitária, não apenas economicamente, mas também no confronto com o patriarcado, o racismo e as desigualdades que estão sendo turbinadas pelo atual sistema econômico. Deve-se buscar que todas as pessoas possam viver uma vida digna e realizar seu potencial, livres do medo da doença, da miséria e da fome. Caso contrário, falharemos.

Uma transformação igualitária exigirá avançar nos três pontos a seguir:

1. um aumento radical da igualdade;
2. uma transição rápida e justa para além dos combustíveis fósseis; e
3. um novo propósito para uma nova era.

▶▶ Acredito que precisamos responsabilizar nossos líderes e os grandes poluidores por fazerem sofrer as comunidades vulneráveis – Marinel Ubaldo, ativista climática e sobrevivente do tufão Haiyan, nas Philippines ◀◀⁶⁰

1. UM AUMENTO RADICAL DA IGUALDADE

Há uma série de razões pelas quais um aumento radical na igualdade ajudaria a interromper o colapso climático e ajudaria a humanidade a prosperar.

1. Uma maior igualdade permitirá o cumprimento dos objetivos de acabar com a pobreza e garantir a sobrevivência planetária.

Ao aumentar radicalmente a igualdade e redistribuir a renda e a riqueza, pode-se avançar para que as pessoas tenham uma vida digna, mantendo o planeta dentro dos limites necessários à sua sobrevivência e prosperidade.

Pesquisadores do Banco Mundial descobriram que, se a desigualdade fosse reduzida, a quantidade de emissões de carbono necessárias para erradicar a pobreza extrema seria um terço daquela existente com os atuais níveis de desigualdade.⁶¹ A Oxfam calcula que uma redistribuição global da renda poderia elevar todos a um nível de 25 dólares por dia ou mais (a linha de prosperidade proposta pelo Banco Mundial),⁶² reduzindo ao mesmo tempo as emissões globais em 10% (aproximadamente o equivalente às emissões totais da União Europeia), e ainda deixando os 10% mais ricos do mundo com uma renda média anual de cerca de US\$ 47 mil.⁶³ Por outro lado, se os atuais níveis de desigualdade permanecerem inalterados, para elevar todas as pessoas na Terra ao mínimo de US\$25 por dia, seria necessário que toda a renda, incluindo a dos mais ricos, crescesse 50 vezes mais, o que destruiria o planeta.⁶⁴

2. Uma maior igualdade econômica reduzirá radicalmente as emissões dos super-ricos e suas influências políticas.

Uma igualdade maior também proporcionará uma redução acentuada nas emissões de carbono. Na verdade, é uma das estratégias de mitigação mais poderosas que temos à nossa disposição.⁶⁵ A redução da riqueza dos mais ricos e do número de pessoas super-ricas no mundo desempenharia um papel decisivo na redução das suas emissões excessivas e perigosas.

De acordo com os cálculos da Oxfam, um imposto de 60% sobre o rendimento do 1% mais rico reduziria as emissões globais em 700 milhões de toneladas, mais do que as emissões totais do Reino Unido, bem como angariar trilhões para investir na transição para as energias renováveis.⁶⁶ Dado que os investimentos dos super-ricos são mais poluentes do que a média,⁶⁷ reduzindo sua riqueza e redistribuindo esse capital para outros, os investimentos mais ecológicos poderiam ter um papel transformador na redução das emissões. A redução da riqueza dos super-ricos e do número de pessoas super-ricas também influenciaria a política, ajudando a reduzir a influência desta minoria e a sua captura da política.

3. Uma maior igualdade econômica é vital para fazer a transformação das economias possível.

Em todo o mundo, a oposição à ação sobre as mudanças climáticas tornou-se uma parte central da política polarizada. Sociedades mais igualitárias são menos polarizadas politicamente⁶⁸ e têm níveis mais elevados de confiança⁶⁹, permitindo o debate, o consenso e as decisões coletivas que tornam possível uma transformação igualitária. Uma maior igualdade econômica é fundamental para combater outras desigualdades, como de raça, gênero e casta, uma vez que as

mulheres, meninas, pessoas não-binárias, pessoas negras, de outras etnias e grupos marginalizados estão consistentemente entre os mais pobres, enquanto os homens brancos constituem a maioria das pessoas mais ricas do mundo.⁷⁰ Em sociedades mais igualitárias, as pessoas gastam menos em consumo e bens de status.⁷¹ Sociedades mais igualitárias também tendem a ter impostos mais progressivos, serviços públicos, transportes públicos e proteção social universal que proporciona altos níveis de bem-estar por um custo menor e com um impacto de carbono muito menor.⁷² Sociedades mais igualitárias também têm maior probabilidade de ter empresas privadas e empresas sociais de propriedade coletiva, com maior representação dos trabalhadores⁷³ e a capacidade de apoiar metas sociais e ambientais.⁷⁴

4. Uma maior igualdade económica é vital para a capacidade da sociedade de lidar de forma justa com os impactos do colapso climático.

Sociedades mais igualitárias são mais capazes de gerir coletivamente os riscos – enfrentando os impactos das mudanças climáticas já existentes de forma a distribuí-los de forma justa, e os reduzindo.⁷⁵

Muitas das políticas propostas para suspender as mudanças climáticas são cegas em termos de distribuição, não considerando os impactos que têm sobre as pessoas ricas versus todas as outras pessoas, nem consideram os diferentes impactos que têm sobre as mulheres versus os homens ou as diferentes implicações dependendo da raça, casta ou outras identidades e etnias.

Vimos isto em 2018, na França, em reação à tentativa do Presidente Macron de aumentar a tributação fixa sobre os combustíveis e, ao mesmo tempo, abolir o imposto sobre a riqueza dos super-ricos. Isto desencadeou o movimento “Gilets Jaunes”, ou Coletes Amarelos, e tal foi a fúria face à injustiça percebida que o presidente foi forçado a reverter o aumento do imposto sobre os combustíveis.⁷⁶

Prevenir o colapso climático total exigirá políticas económicas e sociais transformadoras e mudanças sem precedentes na forma como vivemos as nossas vidas, especialmente no Norte Global. Isto só será possível com amplo apoio público, e isto só será possível se as pessoas enxergarem virem que os custos da transformação estão sendo partilhados de forma justa.⁷⁷

2. UMA TRANSIÇÃO JUSTA, RÁPIDA E DISTANTE DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS

Evitar um colapso climático catastrófico requer um corte de 48% nas emissões globais até 2030 (em comparação com os níveis de 2019) e, até 2050, as emissões devem cair para zero.⁷⁸ Em outras palavras, a humanidade deve parar rapidamente de utilizar combustíveis fósseis de uma forma que seja justa e maximize a capacidade de todas as nações, especialmente as do Sul Global, de acabar com a pobreza e satisfazer as necessidades dos seus povos.

Os países ricos e poluentes, que têm a maior responsabilidade e capacidade para reduzir as emissões, devem eliminar os combustíveis fósseis e rapidamente. No entanto, um relatório recente da Oxfam mostra que os países ricos do G20 não

estão cumprindo a sua quota-parte de mitigação global por grandes margens.⁷⁹ Eles deveriam cessar imediatamente de emitir quaisquer novas licenças ou de permitir a expansão e exploração do carvão, óleo e gás extração ou processamento. Todas as nações ricas devem reduzir a sua produção de petróleo e gás o mais rapidamente possível se quisermos manter a temperatura abaixo de 1,5°C. De acordo com o Centro Tyndell para Pesquisa sobre Mudanças Climáticas, os países com maior produção de combustíveis fósseis e maior capacidade de transição devem eliminar gradualmente o carvão até 2030 e o petróleo e o gás até 2034.⁸⁰

O restante do orçamento global de carbono deve ser priorizado para os países de baixa renda, principalmente no Sul Global, para atender às necessidades prementes de desenvolvimento, incluindo a falta de acesso à energia.

▶▶ Estima-se que 675 milhões de pessoas não têm acesso à eletricidade e que cerca de 2,3 bilhões de pessoas ainda utilizam combustíveis e tecnologias poluentes para cozinhar, principalmente na África Subsaariana e na Ásia. ◀◀⁸¹

Sendo o setor da energia responsável por cerca de três quartos das emissões de gases de efeito estufa, é vital uma transição global rápida para fontes de energia limpas e renováveis. A mudança de combustíveis fósseis poluentes para fontes de energia limpas e renováveis, a promoção de uma utilização mais eficiente da energia e a redução do consumo de energia são fundamentais para esta transição.

A energia é vital para a prosperidade humana. Liberta as pessoas do árduo trabalho físico e sustenta muitos aspectos importantes das nossas vidas: os alimentos que comemos, a forma como aquecemos e iluminamos as nossas casas, o transporte que utilizamos, as roupas que vestimos e a forma como comunicamos uns com os outros. No entanto, é também outra fonte de profunda desigualdade. Estima-se que 675 milhões de pessoas não têm acesso à eletricidade e que até 2,3 bilhões de pessoas ainda utilizam combustíveis e tecnologias poluentes para cozinhar,^{82, 83} causando 3,2 milhões de mortes anualmente. A transição para a energia limpa oferece benefícios econômicos, sociais e ambientais, tais como: melhor acesso; maior segurança energética; novos empregos verdes; proteção contra a volatilidade dos preços dos combustíveis; redução da poluição; e, produção de energia descentralizada e de geração local.⁸⁴ Todos estes aspectos podem beneficiar especialmente mulheres, incluindo as que vivem na pobreza e as de grupos marginalizados, aumentando as oportunidades de saúde e educação e reduzindo a quantidade de trabalho de cuidados não remunerado. Tais benefícios, combinados com a escala de transição necessária para mitigar a crise climática, oferecem à humanidade uma oportunidade sem precedentes para simultaneamente reduzir as desigualdades existentes e alcançar o acesso universal à energia, entre outros Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

3. UM NOVO PROPÓSITO PARA UMA NOVA ERA

O sistema econômico atual valoriza um crescimento econômico a qualquer custo. Esta é uma premissa equivocada e altamente corrosiva que implica que a única forma de aumentar a renda dos mais pobres é aumentar simultaneamente a renda dos super-ricos. Isso utiliza o racismo e o sexismo para sustentar extremos cada vez maiores de

desigualdade de riqueza.

É um sistema que tem as suas raízes no colonialismo e continua a depender de sistemas neocoloniais de comércio que extraem valor e riqueza dos trabalhadores do Sul Global para fornecer cada vez mais riqueza aos acionistas ricos do Norte Global. É um sistema que abusa e explora grupos raciais e étnicos discriminados em todas as nações. É um sistema que se baseia em e defende o sexismo e a desigualdade de gênero. Não consegue medir, reconhecer e valorizar as enormes contribuições para o bem-estar da sociedade provenientes dos bilhões de horas de trabalho de cuidados não remunerados, realizado todos os dias por mulheres e meninas, especialmente as que vivem na pobreza e pertencem a grupos marginalizados.⁸⁵ É um sistema que está enraizado na extração e na destruição ambiental,⁸⁶ e que não consegue medir o impacto humano no mundo natural.

Para alcançar uma transformação igualitária, é necessário mudar o propósito das nossas economias, abandonando a busca pelo crescimento econômico a todo o custo e passando-se, em vez disso, a operar em função dos objetivos entrelaçados de bem-estar humano e saúde planetária. Isto significa ir além de simplesmente acabar com a pobreza e a vulnerabilidade e, em vez disso, garantir que todos tenham os meios e oportunidades para viver uma vida digna, saudável e plena. Significa também redefinir o que é o valor verdadeiro nas nossas economias e sociedades. Significa eliminar todas as formas de racismo e sexismo. Significa alcançar mais do que apenas a sobrevivência planetária, mas sim criar as condições para que o mundo natural tenha sua sustentabilidade e renovação asseguradas.^{87, 88}

Colocar as pessoas e seus governos no assento de comando

Focar as nossas economias no bem-estar humano e na prosperidade planetária requer uma ação consciente, propositada e uma clara rejeição do pensamento econômico neoliberal, que não apoia a intervenção propositada do Estado ou de quaisquer atores.

Os mercados são um motor vital de crescimento e prosperidade, mas não se deve aceitar a falsa premissa de que o motor deve dirigir o carro. A ideia de que o bem-estar de todas as pessoas e a sobrevivência do nosso planeta só podem ser criados como um subproduto da procura por lucro financeiro e por riqueza cada vez maior para poucos, deve ser firmemente rejeitada. Tal como o *Financial Times* afirmou num editorial recente, “os governos, e não a BlackRock, terão de liderar este novo Plano Marshall”.⁸⁹

▶▶ Este momento exige que forjemos um novo consenso... os principais impulsionadores [da desigualdade] são décadas de políticas econômicas *trickle-down* – políticas como cortes regressivos de impostos, cortes profundos no investimento público, concentração empresarial desenfreada e medidas ativas para minar o movimento trabalhadores...” – Jake Sullivan, Assessor de Segurança Nacional dos EUA ◀◀⁹⁰

A boa notícia é que as nações estão começando a questionar o neoliberalismo e a olhar novamente para o papel da ação estatal intencional que molda as economias para que atinjam fins sociais e ambientais. A inovação tecnológica, por exemplo, tem o potencial para apoiar uma transformação igualitária, mas a questão de

quem controla e lucra com as novas tecnologias e decide qual delas é mais útil socialmente torna-se cada vez mais importante⁹¹.

Infelizmente, os governos são muitas vezes relutantes em intervir porque seguem a cartilha do pensamento neoliberal ou porque são controlados por elites poderosas. Restaurar um papel positivo e proativo dos governos exige o ressurgimento de uma democracia genuína e a proteção do espaço cívico. A supervisão robusta dos cidadãos sobre o planeamento e a tomada de decisões governamentais é essencial para garantir que as necessidades, desejos e ideias daqueles que vivem na pobreza, das mulheres e das pessoas mais marginalizadas sejam priorizadas.

Em última análise, só o poder de milhões de pessoas que exigem mudanças pode contrariar a influência das elites ricas e garantir uma transformação igualitária que é tão urgentemente necessária.

VENCER A ARMADILHA DO CLIMA E DA DESIGUALDADE

Se a humanidade terá um futuro, então esse futuro deve ser igualitário. Só uma redução radical da desigualdade poderá permitir vencer o colapso climático. Ao mesmo tempo, o colapso climático ameaça levar a desigualdade a níveis mais elevados do que nunca, uma vez que alimenta as divisões existentes entre nós.

Somente lutando e vencendo estas duas lutas em conjunto será possível criar um futuro para nós, para nossos filhos e para o planeta.

QUADRO SE4 – TRÊS PASSOS PARA UMA TRANSFORMAÇÃO IGUALITÁRIA

Os governos podem e devem agir agora. Abaixo está uma lista de três áreas nas quais a Oxfam propõe novas diretrizes e ações políticas.

1. **Um aumento radical da igualdade.** Deve-se reduzir rápida e radicalmente a desigualdade econômica para tornar possível a diminuição das emissões e o fim da pobreza, e apoiar a luta para acabar com o sexismo, o racismo e outras formas de opressão.
2. **Uma transição rápida, justa e distante dos combustíveis fósseis.** Deve-se reduzir rápida e substancialmente as emissões de carbono, especialmente por parte dos países, indivíduos e empresas mais ricos, a fim de manter o aumento da temperatura do aquecimento global abaixo de 1,5°C. Deve-se utilizar a tributação dos mais ricos para angariar bilhões de dólares necessários para financiar esta transição e para pagar as perdas e danos já causados.
3. **Um novo propósito para uma nova era.** Deve-se mudar o objetivo das economias para um bem-estar geral e para a prosperidade planetária.

Uma lista completa de recomendações está no Capítulo 5 do relatório completo.

NOTAS FINAIS

- 1 Todos os cálculos e estatística podem ser encontrados em Oxfam. (2023). *Nota Metodológica*.
- 2 Oxfam. (2023). *Nota Metodológica*. <https://www.oxfam.org.br/wp-content/uploads/2023/11/Nota-metodologica-PT.pdf>
- 3 Discurso do Presidente Luiz Inácio Lula Da Silva durante a Conferência para um Novo Pacto de Financiamento Global, junho 2023. Citado no People's Dispatch. (2023). *Inequality Must Be 'Priority' in Climate Change Discussion, Says Lula in Paris*. <https://peoplesdispatch.org/2023/06/23/inequality-must-be-priority-in-climate-change-discussion-says-lula-in-paris/>
- 4 Pavel Martiarena Huamán é ativista e fotógrafo de Madre de Dios, onde luta contra o extrativismo na região amazônica. Ele é cofundador da Geração Verde e lidera a campanha Make Rich Polluters Pay da Oxfam. Madre de Dios é uma região da bacia amazônica do sudeste do Peru, que faz fronteira com o Brasil e a Bolívia.
- 5 IPCC. (2023). *AR6 Synthesis Report*. <https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/resources/spm-headline-statements/>
- 6 O excesso de emissões refere-se às contribuições nacionais para as emissões cumulativas de CO₂ que excedem o limite planetário de concentração atmosférica de CO₂ de 350ppm. Esta abordagem está enraizada no princípio da igualdade de acesso per capita aos bens comuns atmosféricos. J. Hickel (2020). *Quantifying National Responsibility for Climate Breakdown: An Equality-Based Attribution Approach for Carbon Dioxide Emissions in Excess of the Planetary Boundary*. *Lancet Planetary Health*. [https://www.thelancet.com/journals/lanplh/article/PIIS2542-5196\(20\)30196-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanplh/article/PIIS2542-5196(20)30196-0/fulltext)
- 7 CDP. (2017). *The Carbon Majors Database CDP Carbon Majors Report 2017*. <https://cdn.cdp.net/cdp-production/cms/reports/documents/000/002/327/original/Carbon-Majors-Report-2017.pdf?1501833772>
- 8 Oxfam. (2023). *Climate and Inequality Flagship Report: Methodology Note*.
- 9 B. Barros and R. Wilk. (2021). *The Outsized Carbon Footprints of the Super-Rich*. *Sustainability: Science, Practice and Policy*. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15487733.2021.1949847>
- 10 De acordo com o *Gap Report de 2020* do PNUMA (disponível em <https://www.unep.org/emissoes-gap-report-2020>), a estimativa mediana do nível de emissões em 2030 consistente com a limitação do aquecimento global a 1,5°C é 33 Gt CO₂e (faixa 26–34), que é aproximadamente 24 Gt CO₂. De acordo com a ONU, estima-se que a população global atinja 8,5 bilhões em 2030. Dividindo igualmente o nível de emissões compatível com 1,5°C em 2030 com 8,5 bilhões, obtém-se uma estimativa de 2,8 toneladas de CO₂ per capita.
- 11 Institute for Policy Studies. (2023). *High Flyers 2023: How Ultra-Rich Private Jet Travel Costs the Rest of Us and Burns Up the Planet*. <https://ips-dc.org/report-high-flyers-2023/>
- 12 Oxfam. (2023). *Nota Metodológica*.
- 13 Oxfam. (2023). *Nota Metodológica*.
- 14 Greenpeace. (2023). *European Private Jet Pollution Doubled in One Year*. <https://www.greenpeace.org/eu-unit/issues/climate-energy/46619/european-private-jet-pollution-doubled-in-one-year/>
- 15 IPCC. (2023). *Climate Change 2023: Synthesis Report. A Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*. https://report.ipcc.ch/ar6syr/pdf/IPCC_AR6_SYR_LongerReport.pdf.
- 16 Oxfam. (2023). *Nota Metodológica*.

- 17 L. Chancel. (2022). *Global Carbon Inequality Over 1990–2019*. *Nature Sustainability*, 5, 931–938. <https://www.nature.com/articles/s41893-022-00955-z>. As emissões provêm do consumo as famílias, gastos governamentais e investimentos. O estudo utilizou a formação bruta de capital fixo como *proxy* para investimentos.
- 18 Ibid.
- 19 Oxfam. (2022). *Carbon Billionaires: The Investment Emissions of the World's Richest People*. <https://policy-practice.oxfam.org/resources/carbon-billionaires-the-investment-emissions-of-the-worlds-richest-people-621446>. O estudo atribui emissões de escopo 1 e escopo 2 das empresas nas quais esses indivíduos investiram com base em suas participações acionárias. Descobrimos que os investimentos e as ações detidas por estes indivíduos emitiam, em média, 3 milhões de toneladas de CO₂ todos os anos.
- 20 D. Kenner. (2019). *Carbon Inequality. The Role of the Richest in Climate Change*. Abingdon: Routledge.
- 21 Oxfam. (2023). *Nota Metodológica*.
- 22 The American Prospect. (2020). *Members of Congress Own Up to \$93 Million in Fossil Fuel Stocks*. <https://prospect.org/power/members-of-congress-own-up-to-93-million-in-fossil-fuel-stocks/>
- 23 Global Witness. (2021). *Hundreds of Fossil Fuel Lobbyists Flooding COP26 Climate Talks*. <https://www.globalwitness.org/en/press-releases/hundreds-fossil-fuel-lobbyists-flooding-cop26-climate-talks/>
- 24 E.M. Noam. (2016, January). *The Owners of the World's Media*. <https://business.columbia.edu/sites/default/files-efs/imce-uploads/CITI/Articles/197976233.pdf>
- 25 *The Guardian*. (2021). *The Dirty Dozen: Meet America's Top Climate Villains*. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2021/oct/27/climate-crisis-villains-americas-dirty-dozen>, Number 9.
- 26 A. Fisher. (2019, 13 August). *Foxic: Fox News Network's Dangerous Climate Denial 2019. Public Citizen*. <https://www.citizen.org/article/foxic-fox-news-networks-dangerous-climate-denial-2019>, p. 4.
- 27 *The Guardian*. (2019). *'Climate Apartheid': UN Expert Says Human Rights May Not Survive*. <https://www.theguardian.com/environment/2019/jun/25/climate-apartheid-united-nations-expert-says-human-rights-may-not-survive-crisis>
- 28 IPCC. (2023). *Climate Change 2023: Synthesis Report*. https://report.ipcc.ch/ar6syr/pdf/IPCC_AR6_SYR_LongerReport.pdf
- 29 FAO. (2023). *The Status of Women in Agrifood Systems – Overview*. Accessed 30 July 2023. <https://www.fao.org/3/cc5060en/cc5060en.pdf>
- 30 UNDESA. (n.d.). *The Effects of Climate Change on Indigenous Peoples*. <https://www.un.org/development/desa/indigenouspeoples/climate-change.html>
- 31 O estudo mostra que, embora a desigualdade entre os países tenha diminuído ao longo do último meio século, há cerca de 90% de probabilidade de que o aquecimento global tenha abrandado essa diminuição. Veja S. Diffenbaugh and M. Burke. (2019). *Global Warming has Increased Global Economic Inequality*. *PNAS*, 16(20). <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.1816020116>
- 32 UNFCCC. (2022). *A Billion of the World's Most Climate-Vulnerable People Live in Informal Settlements – Here's What They Face*. <https://climatechampions.unfccc.int/a-billion-of-the-worlds-most-climate-vulnerable-people-live-in-informal-settlements-heres-what-they-face/>
- 33 Oxfam. (2013). *No Accident. Resilience and the Inequality of Risk*. <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/292353/bp172-no-accident-resilience-inequality-of-risk-210513-en.pdf>
- 34 UNDRR. (2022). *Education's Crucial Role in Community Climate Change Adaptation*. Accessed 30 July 2023. <https://www.preventionweb.net/news/educations-crucial-role-community-climate-change-adaptation>

- 35 A. Kleinman. (2013, May 30). *Elon Musk Thinks Humans Need to Move to Mars to Avoid Extinction*. *Huffington Post*. https://www.huffingtonpost.co.uk/entry/elon-musk-mars_n_3359773
- 36 E. Spitznagel. (2022, September 24). *Billionaire Bunkers: How the World's Wealthiest Are Paying to Escape Reality*. *New York Post*. Acessado em 30 July 2023. <https://nypost.com/2022/09/24/how-the-worlds-billionaires-are-paying-to-escape-global-disaster/>
- 37 A remoção do excesso de água neste tipo de área é lenta, o que aumenta os riscos de doenças como malária e dengue.
- 38 UNFCCC. (2022). *A Billion of the World's Most Climate-Vulnerable People Live in Informal Settlements*.
- 39 Ibid.
- 40 UNDRR. (2022). *Education's Crucial Role in Community Climate Change Adaptation*. <https://www.preventionweb.net/news/educations-crucial-role-community-climate-change-adaptation>
- 41 Oxfam. (2013). *No Accident. Resilience and the Inequality of Risk*. Acessado em 30 de julho de 2023, <https://oxfamlibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/292353/bp172-no-accident-resilience-inequality-of-risk-210513-en.pdf>
- 42 Ibid.
- 43 Oxfam. (2023). *Nota Metodológica*.
- 44 *New York Times*. (2018). *Among the Ruins of Mexico Beach Stands One House, Built 'for the Big One'*. 14 outubro. <https://www.nytimes.com/2018/10/14/us/hurricane-michael-florida-mexico-beach-house.html>
- 45 Climate Impact Lab. (2022). *Valuing the Global Mortality Consequences of Climate Change Accounting for Adaptation Costs and Benefits*. *Quarterly Journal of Economics*, 137(4), 2037–2105. <https://doi.org/10.1093/qje/qjac020>
- 46 A. Baviskar. (2022). *The Social Experience of Heat: Urban Life in the Indian Anthropocene*. Acessado em 30 julho 2023. <https://www.theindiaforum.in/article/social-experience-heat-urban-life-indian-anthropocene>
- 47 T.A. Deivanayagam et al. (2023). *Envisioning Environmental Equity: Climate Change, Health, and Racial Justice*. *Lancet*, 1, 402(10395), 64–78. Acessado em 30 julho 2023. <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2823%2900919-4>
- 48 FAO. (2023). *The State of Food Security and Nutrition in the World*. <https://www.fao.org/documents/card/en?details=cc3017en>; WFP. (n.d.). *A Global Food Crisis*. <https://www.wfp.org/global-hunger-crisis>
- 49 Oxfam. (2022). *Profiting from Pain. The Urgency of Taxing the Rich Amid a Surge in Billionaire Wealth and a Global Cost-Of-Living Crisis*. Acessado 30 julho 2023. <https://www.oxfam.org/en/research/profitting-pain>
- 50 FAO, WTO, World Bank. (2023). *Rising Global Food Insecurity: Assessing Policy Responses. A Report Prepared at the Request of the Group of 20 (G20)*. Acessado 20 julho 2023. <https://www.fao.org/3/cc5392en/cc5392en.pdf>
- 51 USDA. (2023). *Food Spending as a Share of Income Declines as Income Rises*. <https://www.ers.usda.gov/data-products/chart-gallery/gallery/chart-detail/?chartId=58372>
- 52 Hindustan Times. (2023). *Mumbai Slums are 6 Degrees Celsius Warmer than Neighbouring Housing Societies in October: Study*. <https://www.hindustantimes.com/mumbai-news/mumbai-slums-are-6-degrees-celsius-warmer-than-neighbouring-housing-societies-in-october-study/story-wo22fMA4bIUjzvV50IdamN.html>
- 53 A Oxfam está se afastando de termos como “desenvolvidos” ou “países em desenvolvimento”, mas como estes agrupamentos de países estão consolidados na UNFCCC e no Acordo de Paris, os utilizamos para maior clareza quando fazemos referência a aspectos do regime climático internacional, incluindo a prestação de serviços de financiamento climático.
- 54 Oxfam. (2023). *Climate Finance Shadow Report 2023*. <https://policy-practice.oxfam.org/resources/climate-finance-shadow-report-2023-621500/>

- 55 World Inequality Lab. (2022). *World Inequality Report*, Chapter 3. <https://wir2022.wid.world/chapter-3/>
- 56 Oxfam. (2023). *Nota Metodológica*.
- 57 World Inequality Lab. (2023). *Climate and Inequality Report*.
- 58 Oxfam. (2023). *Nota Metodológica*.
- 59 Oxfam International and ActionAid. (2023, January). *Corporation Windfall Profits Rocket to \$1 trillion a Year*. <https://www.oxfam.org.uk/media/press-releases/corporation-windfall-profits-rocket-to-1-trillion-a-year/>
- 60 Marinel Ubaldo, ativista climática das Filipinas, entrevistada pela Oxfam para a campanha Make Rich Polluters Pay Campaign (2023), <https://makerichpolluterspay.org/activists/marinel-ubaldo/>
- 61 World Bank. (2023). *The Climate Implications of Ending Global Poverty*. <https://documents.worldbank.org/en/publication/documents-reports/documentdetail/099557002242323911/idu0bbf17510061a9045530b57a0ccaba7a1dc79>. O artigo modela uma redução na desigualdade de 17% entre hoje e 2050 com base nos melhores desempenhos históricos e descobre que o aumento de emissões necessário para eliminar a pobreza extrema até 2050 representa 1,8% dos níveis de emissões de 2019, em comparação com 4,9% sem redução da desigualdade.
- 62 Para uma explicação da linha de prosperidade proposta pelo Banco Mundial, consulte World Bank Blogs. (2023). *The Prosperity Gap: A Proposed New Indicator to Monitor Shared Prosperity*. <https://blogs.worldbank.org/developmenttalk/prosperity-gap-proposed-new-indicator-monitor-shared-prosperity#:~:text=The%20World%20Bank%20tracks%20shared,income%20distribution%20in%20all%20countries>
- 63 Oxfam. (2023). *Nota Metodológica*.
- 64 Ibid.
- 65 L. Chancel and T. Piketty. (2015). *Carbon and Inequality: From Kyoto to Paris Trends in the Global Inequality of Carbon Emissions (1998–2013) & Prospects for an Equitable Adaptation Fund*. World Inequality Lab. <http://piketty.pse.ens.fr/files/ChancelPiketty2015.pdf>
- 66 Oxfam. (2023). *Nota Metodológica*.
- 67 Oxfam. (2022). *Carbon Billionaires*.
- 68 R. Wilkinson and K. Pickett. (2022). *From Inequality to Sustainability*. https://www.clubofrome.org/wp-content/uploads/2022/05/Earth4All_Deep_Dive_Wilkinson_Pickett.pdf
- 69 K. Pickett and R. Wilkinson. (2010). *The Spirit Level*. Penguin Books; and S. Bienstman (2023). *Does Inequality Erode Political Trust?* <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpos.2023.1197317/full>
- 70 Oxfam. (2021). *O Vírus da Desigualdade* <https://www.oxfam.org.br/o-virus-da-desigualdade>
- 71 Wilkinson and Pickett. (2022). *From Inequality to Sustainability*.
- 72 Oxfam. (2022). *The Commitment to Reducing Inequality Index 2022*. <https://policy-practice.oxfam.org/resources/the-commitment-to-reducing-inequality-index-2022-621419/>
- 73 Oxfam. (2018). *Recompensem o trabalho, não a riqueza*. <https://www.oxfam.org.br/forum-economico-de-davos/recompensem-o-trabalho-nao-a-riqueza/>
- 74 International Co-operative Alliance and International Labour Organization. (n.d.). *Cooperatives and the Sustainable Development Goals*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed-emp/documents/publication/wcms_240640.pdf
- 75 Oxfam. (2013). *No Accident*.
- 76 World Inequality Database. (2023). *Climate and Inequality Report*. <https://wid.world/wp-content/uploads/2023/01/CBV2023-ClimateInequalityReport-2.pdf>
- 77 Wilkinson and Pickett. (2022). *From Inequality to Sustainability*.
- 78 IPCC. (2023). *Climate Change 2023: Synthesis Report*.

- 79 Oxfam. (2023). *Are G20 Countries Doing Their Fair Share of Global Climate Mitigation?* <https://policy-practice.oxfam.org/resources/are-g20-countries-doing-their-fair-share-of-global-climate-mitigation-comparing-621540/>
- 80 D. Calverley and K. Anderson. (2022). *Phaseout Pathways for Fossil Fuel Production Within Paris-Compliant Carbon Budgets*. Tyndall Centre, University of Manchester.
- 81 IEA, IRENA, UNSD, World Bank, and WHO. (2023). *Tracking SDG 7, The Energy Progress Report, 2023*. <https://www.who.int/publications/m/item/tracking-sdg7--the-energy-progress-report-2023>
- 82 Ibid.
- 83 H. Ritchie and M. Roser. (2019). *Access to Energy. Our World in Data*. <https://ourworldindata.org/energy-access>
- 84 Oxfam. (2023). *Towards a Just Energy Transition*. <https://policy-practice.oxfam.org/resources/towards-a-just-energy-transition-implications-for-communities-in-lower-and-mid-621455/>
- 85 Oxfam. (2020). *Tempo de cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade*. <https://www.oxfam.org.br/forum-economico-de-davos/tempo-de-cuidar/>
- 86 Oxfam. (2023). *Towards a Just Energy Transition*.
- 87 Alcançar esses dois objetivos de justiça social e prosperidade planetária é a base do conceito Doughnut Economics; veja K. Raworth. (n.d.). *What on Earth is the Doughnut?...* <https://www.kateraworth.com/doughnut/>
- 88 J. Rockström et al. (2023). *Safe and Just Earth System Boundaries*. *Nature*, 619, 102–111. <https://www.nature.com/articles/s41586-023-06083-8>
- 89 *Financial Times*. (2023). *The Energy Transition Will Be Volatile*. <https://www.ft.com/content/86d71297-3f34-48f3-8f3f-28b7e8be03c6>
- 90 The White House. (2023). *Remarks by National Security Advisor Jake Sullivan on Renewing American Economic Leadership at the Brookings Institution*. 27 April. <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2023/04/27/remarks-by-national-security-advisor-jake-sullivan-on-renewing-american-economic-leadership-at-the-brookings-institution/>
- 91 A. Atkinson. (2015). *Inequality: What Can Be Done?* Harvard University Press.

© Oxfam International novembro 2023

Esse relatório foi escrito por:

Autores líderes: Ashfaq Khalfan, Astrid Nilsson Lewis, Carlos Aguilar, Jacqueline Persson, Max Lawson, Nafkote Dabi, Safa Jayoussi, Sunil Acharya

Autores que fizeram contribuições: Ana Caistor Arendar, Alex Maitland, Anthony Kamanda, Iñigo Macías Aymar, Jonas Giefeldt, Ruizhen Ma

Responsável pela Publicação: Hanna Nelson

Edição: Ana Caistor Arendar e Emma Seery

Oxfam reconhece o apoio de: Afrah Muzayen, Adam Musgrave, Ally Davies, Alexandre Poidatz, Amita Pitre, Anjela Taneja, Annie Theriault, Bertram Zagama, Christian Hallum, Deepak Xavier, Danielle Smith, Francisco Bolanos, Hanna Saarinen, Hernan Cortes, Irene Guijt, Jacobo Ocharan, Jan Kowalzig, James Morrissey, Jorge Romero Leon, Kate Donald, Lea Guerin, Lies Craeynest, Lyndsay Walsh, Margaret Wanjiru, Marita Hutjes, Mira Alestig, Nabil Abdo, Nabil Ahmed, Pubudini Wickramaratne, Ruth Mayne and Victoria Harnett

Oxfam agradece ao grupo de especialistas que contribuíram para esse relatório: Dario Kenner, Emily Ghosh, Jason Hickel, Jayati Ghosh, Lucas Chancel, Sivan Kartha, Richard Wilkinson, Daniel Horen Greenford and Daniel Bressler

Para a pesquisa : Anisha Nazareth, Emily Ghosh, Eric Kemp-Benedict and Sivan Kartha (Stockholm Environment Institute, SEI), e Corey Lesk (Dartmouth College)

Designed: Lucy Peers

Visualização dos Gráficos e dados: Julie Brunet – Datacitron e Lucy Peers

Este relatório faz parte de uma série de documentos escritos para informar o debate público sobre questões de desenvolvimento, desigualdades e apoio humanitário.

Para obter mais informações sobre as questões levantadas, envie um e-mail para advocacy@oxfaminternational.org

Esta publicação é protegida por direitos autorais, mas o texto pode ser usado gratuitamente para fins de defesa de direitos, campanhas, educação e pesquisa, desde que a fonte seja citada na íntegra. O detentor dos direitos autorais solicita que tal uso seja registrado junto a ele para fins de avaliação de impacto. Para cópia em quaisquer outras circunstâncias, ou para a reutilização em outras publicações, ou para a tradução ou adaptação, uma permissão deverá ser obtida e poderá ser cobrada uma taxa. Envie um e-mail para policyandpractice@oxfam.org.uk

As informações aqui contidas estão corretas no momento da publicação.

Publicado por Oxfam GB para Oxfam International em novembro 2023. DOI: 10.21201/2023.000001. Oxfam GB, Oxfam House, John Smith Drive, Cowley, Oxford, OX4 2JY, UK.